

INTERLOCUÇÕES POÉTICAS



RUY BELO: BRASIL, PAÍS POSSÍVEL

Jorge Fernandes da Silveira
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

De uma Hipotética Carta a Editor Brasileiro sobre a Possibilidade de Publicação da Poesia de Ruy Belo no Brasil

“(o resto vem no pessoa/ Pessoa é o poeta vivo que me interessa mais)”: Ruy Belo, “Da poesia que posso”, *Homem de palavra(s)*, 1970.

“(o resto vem no Ruy Belo/ Ruy Belo é o poeta vivo que me interessa mais)”: Gastão Cruz, “Com Ruy Belo na Esplanada do Campo Pequeno (1966)”, *Repercussão*, 2004.

É com votos de boas vindas através da interlocução poética que expresso o desejo de futura publicação de poemas do poeta de *Boca bilingue* em terras brasileiras.

Falar da terra é estar em território próprio à Carta do Achamento do Brasil de Pero Vaz de Caminha. E é um ótimo caminho para se chegar à poesia de Ruy Belo. Em muitos dos seus poemas, a paisagem entre a aldeia e a cidade é uma crônica tensa entre a vivência vulgar de morar no continente e a experiência extraordinária de conquistar o mar, à portuguesa.

De *O problema da habitação*, passando por *Toda a terra*, a *Despeço-me da terra da alegria*, é este um vasto sítio poético, cuja geografia começa em *Aquele Grande Rio Eufrates*, a lume no ano da graça de 1961. Primeiro livro, onde o monograma AGRE fixa um sintomático sinal agreste entre o alto e o baixo, o divino e o humano, assinalado, por exemplo, posteriormente, cinco anos depois, na série de cinco poemas “Portugal sacro-profano”, da seção “Vita beata”, em *Boca bilingue*: “Aqui o homem é... ou era mesmo agora”.

Dessas “terras”, eleva-se o caráter de um Poeta de rara estatura sociocultural. Aqui sublinhada nos aspectos cosmopolita e humanista.

Humanista e cosmopolita, em poemas como “Muriel”, “Na morte de Marilyn”; “Vat 69”; “Requiem por Salvador Allende”; “Óscar Niemeyer”, em que adivinho, senhor hipotético editor, uma visita imaginária às entranhadamente estranhas formas de um Brasil em vias de vir em vida, ou melhor, em versos, descobrir, por meio do primeiro verso do poema que, num traço de elevada cidadania, o incorporaria: “O lugar do arquitecto óscar niemeyer é cada dia mais no brasil”, digo eu, *o lugar do poeta Ruy Belo é cada dia mais no Brasil*.

Brasil, cujos poetas muito lhe interessam, como, por exemplo, Manuel Bandeira: “Todos os anos são anos de morte. Mas o ano de 1968 é-o particularmente para a poesia portuguesa ou, o que para mim é o mesmo, para a poesia de língua portuguesa. Morreu Manuel Bandeira, o nosso decano, ou melhor, o nosso padroeiro. Há dois anos que comemorávamos em Portugal o dia do seu aniversário. Este ano, que o não fizemos, ele foi-se embora. Queria morrer, e morreu” (BELO, 2002, p. 257).

De acordo com o paradigma beliano, Pessoa é o poeta vivo que nos interessa mais. Parodiando Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner e Fiamma Hasse Pais Brandão, se “de morte natural nunca ninguém morreu”, de morte cultural morre-se “lentamente” todos os dias, à maneira de “os poetas todos [que] morrem sempre mais na língua.” Cito versos do “Opiário”, do heterônimo Álvaro de Campos, que assistem à morte da língua em que se inscreveu o imaginário marítimo lusíada: “Pertencço a um gênero de portugueses/ Que depois de estar a Índia descoberta/ ficaram sem trabalho. (...)”. Multiplicando esses versos noutros, por exemplo, de Al Berto (“Sempre habitei este país de água por engano”, “Se telefonarem do emprego diz/ que fui ver se ainda existem Índias por descobrir”) ou de Luiza Neto Jorge (“[...] por duas razões te falo do que nem sequer/ sabíamos porque misérrimos estávamos no meio/ do túmulo desemprego”), não há dúvida de que o Poeta de *Orpheu* nos interessa sempre mais. Foi ele, entre Camões (“No mais, Musa, no mais (...)” “Porque quem não sabe arte, não na estima”) e Cesário (“(...) Eu descia,/ sem muita pressa, para o meu emprego”, “Singram soberbas naus que não verei jamais”), o que mais decididamente desceu ao inferno do mar. Ou seja, com título e versos de Ruy Belo, ao “[e]mprego e desemprego do poeta” moderno português: “Deixai que em suas mãos cresça o poema/ como o som do avião no céu sem nuvens/ ou no surdo verão as manhãs de domingo/ Não lhe digais que é mão-de-obra a mais/ que o tempo não está para a poesia // [...] // Chorai profissionais da caridade/ pelo pobre poeta aposentado/ que já nem sabe onde ir buscar os seus versos/ Abandonado pela poesia/ oh como são compridos para ele os dias/ nem mesmo sabe aonde pôr as mãos”.

Como “exemplo e manifesto” dessa condição do trabalho poético marítimo à portuguesa, na perspectiva de um professor brasileiro que investiga o retorno do épico, não há poema que aqui interesse mais do que “Fala de um homem afogado ao Largo da Senhora da Guia no dia 31 de Agosto de 1971”.

A errância da imagem informe de si próprio no mundo contra a impropriedade de todos os nomes próprios, sinalizada em versos do poema “Aniversário”, de Álvaro de Campos (“O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui.../ A que distância!...”), leva a esta profunda “Fala de um homem afogado ao Largo da Senhora da Guia no dia 31 de Agosto de 1971”, de Ruy Belo, em *Toda a terra*, 1976, e lido aqui, informação importante, em termos da interlocução defendida no início desta comunicação, no contexto dos *Quinze poetas portugueses do século XX*, reunidos por Gastão Cruz em 2004.

A fala que emerge dos primeiros versos, embora datada e localizada, vem de muito longe: “A mim morto no mar entre algas e corais/ que notícias me dais aí da superfície/ dessa única terra onde vivi/ e foi minha ambição morrer pra nunca mais?” (2000, p. 154). Da distância, pode-se até dizer do lugar onde se demora o imaginário poético português, o “echo” mais vivo é o que repercute na pergunta sobre todas as perguntas de que é feita a fala do afogado:

Alguém foi como eu profundamente vil
e muito mais o foi por conhecer que o era?
Onde dormem os que amei?
Como lhes foi possível perecer
se eu por os amar os tinha por eternos?
Seriam só eternos para mim?
Que paz lhes pesa agora sobre o peito?
O Sol ainda nasce? Ouve subitamente alguma música
quem tão perdido estava que de súbito começa
e olha para tudo de olhos limpos
de quem as coisas vê pela primeira vez? (BELO, 2000, p. 155)

Auditório de muitas perguntas (facilmente ouvem-se versos do “Aniversário” e do “Poema em linha recta” (“Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?”), como que em resposta a Camões), as vozes mais altas do silêncio auscultam-se neste texto, desde as do *ubi sunt* (“Onde dormem os que amei?”), de “modo intenso e ‘libertino” (COELHO, 2003, p. 14) à Manuel Bandeira, até às imagens erráticas pelas retinas fatigadas do Poeta que de tão revistas parece que remoçam. Se se ouve música ao fundo, outra não pode ser que não seja a *flauta mágica* de Camilo. E de fato é ela (a “máquina de tudo”) que vem vindo ao longe já perto do fim do longo poema:

E eu que nos lençóis via a neve polar
que às vezes ao cheirá-los me sentia transportado
subitamente a sítios e a dias do passado
que só os soube na verdade apreciar
levado pela mão de camilo pessanha e dylan thomas
eu que em lençóis de linho ambiciona repousar
são de água os meus lençóis e à volta é o mar (BELO, 2000, p. 157).

“Ó minha pobre mãe!...”, “Quem de tão longe alguma vez regressa?” De tal obscuro domínio, só a Poesia. Da distância materna mais funda emerge, em última instância, a fala do afogado, que se pergunta “e foi minha ambição morrer pra nunca mais?”, para que de sua invocação à leitura (é dela que se trata, é aos leitores que ele se dirige e são eles, uma vez mais, a terceira luz) levante-se a escritura maior do afogamento, do desemprego, como metáfora cultural traumática na literatura portuguesa: “No mais, Musa, no mais”. Sim, “pra nunca mais?”, e ouve-se em ondas o início da estrofe 145 do Canto X d’*Os Lusíadas*, aquela em que Camões, roubado, desempregado, pela pátria metida “No gosto da cobiça e da rudeza/ Du’a austera, apagada e vil tristeza.” (*Lus.*, X, 145, 7-8), volta a invocar a Musa épica, Calíope, pedindo-lhe para a “voz enrouquecida” o olvido e, para a “Lira destemperada”, o silêncio. Contra o degredo do Poeta e a sentença de morte ao Canto por recepção malograda, Pessoa escreve a *Mensagem* e nela, particularmente, “Mar português”, em que censura o poeta menor que submete a Poesia aos desígnios da “alma pequena” da história, “a gente surda e endurecida”, e “A última nau”, em que o Poeta de “alma atlântica”, alheio à pequena história, é ele mesmo a Poesia que “entorna” e “torna” para casa; Jorge de Sena dá de volta a Camões “u’a fúria grande e sonora de tuba canora e belicosa” (*Lus.*, I, 5, 1 e 3) no impressionante “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”. “A fala de um homem afogado”, segundo Ruy Belo, bem pode ser uma variação para “agreste avena ou fruta ruda” (*Lus.*, I, 5, 2), dessas duas versões “destemperadas”. Interessa para o bom termo deste percurso resumir num ponto estratégico as riquíssimas possibilidades de leitura do poema. Da aldeia para a cidade, da fixação errante na terra para a morada eterna “No mais interno fundo das profundas/ Cavernas altas, onde o mar se esconde” (*Lus.*, VI, 8, 1-2), a fala do afogado é a crônica curiosa da vivência vulgar à portuguesa em paz na opção pela experiência extraordinária de morar no mar, própria do caráter mítico da “forte gente de Luso” (*Lus.*, I, 24, 3). Não por acidente geográfico “Onde a terra se acaba e o mar começa” (*Lus.*, III, 20, 3) ou lei do comércio marítimo, esta “Fala de um homem afogado” até lembra um sermão, melhor, um excuro da “condição de peixe” (BELO, 2000 p. 155) sobre a “humana condição definitiva” (BELO, 2000, 155) do português que ao dizer “devo afinal a gestos artificiais/ o meu regresso às coisas naturais” (BELO, 2000, p. 157) até parece que diz versos da Proposição épica d’*Os Lusíadas*: com engenho e arte vou-me da lei da Morte libertando... “Moradores da terra fogo ou ar/ sabeis que o solo sólido da terra foi apenas para mim/ insegurança oscilação vertigem/ e que em verdade agora mais do que acabar/ o que fiz foi voltar à minha origem” (BELO, 2000, p. 157). E tem dito. Quem termina de falar assim pode pôr o imaginário popular na boca de Júpiter no início do Consílio dos Deuses: “Eternos moradores do luzente” (*Lus.*, I, 24, 1). Na descida, por acidente ou vontade, às profundidades das águas, e não dos infernos, o que se lê na “Fala de um homem afogado ao Largo da Senhora da Guia no dia 31 de Agosto de 1971” é o desejo de o poeta entender, ele mesmo, o que o leva a ser o eterno caminhante em busca da terceira linha que, por um

lado, está na bifurcação tão óbvia quanto enigmática de duas outras linhas (fixação e errância/ erro das imagens poéticas) e está, por outro lado, no registro do titânico naufrágio do Canto de Camões, quer dizer, nas diferentes interpretações dos maiores poetas da língua do ano da morte por afogamento da Poesia Portuguesa na Estância 145 do Canto X d'Os *Lusíadas*. Piloto mais informado para a descida aos obscuros domínios onde mora o silêncio da palavra poética não há: “Se alguém descer até estas profundidades/ porventura será capaz de decifrar/ o mistério reflectido nestes olhos/ eternamente abertos sobre o meu amado mundo?/ (...)/ Não reparam que olho com os olhos cheios de água/ quem só mais do que eu pertence ao mar/ por aqui habitar só aparentemente antes?” (BELO, 2000, p. 155 e 157). Encontrar, ao fim e ao cabo, hipóteses e perguntas, na terceira linha da travessia, em “Fala de um homem afogado ao Largo da Senhora da Guia no dia 31 de Agosto de 1971”, é a confirmação do que já se sabia à partida: contra a nitidez falsa das palavras, “vil”, no afortunado sentido camoniano, a poesia guarda no fundo a metáfora mais opaca e “cada metáfora é na sua íntegra incompreensível”, diz Fiama Hasse Pais Brandão (1976, p. 51), isto é, “hermética”. Como nos fundamentos da catábase segundo Ruy Belo.

O poeta de “A máquina do mundo”, Carlos Drummond de Andrade, quem o afirma é Ruy Belo, “pode muito bem servir de introdução a Camões”. (BELO, 2002, p. 289).

E, creia, caro editor, se se considera Camões o senhor das metáforas em língua portuguesa, Ruy Belo pode muito bem servir de introdução à poesia brasileira que nos interessa mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, Ruy. *Boca bilíngue*. 4 ed. Lisboa: Presença, 1997.
- _____. *Homem de palavra(s)*. Lisboa: Dom Quixote, 1970.
- _____. *Na senda da poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- _____. *Toda a terra*. 4 ed. Lisboa: Presença, 2000.
- BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. *Homenagem à literatura*. Porto: Limiar, 1976.
- CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*. Edição anotada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, s/d.
- COELHO, Eduardo. A máquina de tudo. In: _____. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Global, 2003.
- CRUZ, Gastão. *Repercussão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

Recebido para publicação em 30/04/12.

Aprovado em 15/06/2012.